

# ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO DO CAPITAL SOCIAL EM UMA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL COOPERATIVA DO SUL DE MINAS GERAIS

## Social capital as the optimizing variable of social and economical development among coffee farmers in Poço Fundo, Minas Gerais state.

### RESUMO

O termo capital social é considerado variável potencializadora da equação do desenvolvimento social e da prosperidade econômica regional. Isso porque facilita ações coordenadas, promovendo e aumentando a eficiência da sociedade por meio de características, tais como a confiança, a cooperação e a participação, podendo se tornar facilitadoras do desenvolvimento econômico e social. Objetivou-se neste estudo analisar a existência e prevalência de capital social em um sítio cafeeiro no município de Poço Fundo, que produz café orgânico na região do Sul do estado de Minas Gerais. Para tanto, metodologicamente, recorreu-se a uma abordagem de multimétodo, o que implica em procedimentos de pesquisa quanti-qualitativa somados a uma técnica de triangulação. Com o estudo evidenciou-se que, na realidade observada, no sítio cafeeiro da região de Poço Fundo há formas de capital social como um recurso coletivo e redes mais densas e fechadas, nas quais a confiança por meio de condutas de cooperação e solidariedade permitiu aos cafeicultores orgânicos dessa região construir uma associação e, posteriormente, uma cooperativa com princípios de gestão participativa dentro da filosofia do *fair trade*. Essa relação restrita entre os produtores garantiu sua marca e garantia no mercado para atuarem num mercado extremamente competitivo.

Marcelo Márcio Romaniello  
Professor adjunto do Departamento de Administração e Economia  
Universidade Federal de Lavras  
mromaniello@dae.ufla.br

Robson Amâncio  
Professor do Instituto de Ciências Humanas Sociais  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
robson.amancio@uol.com.br

Rafaella Cristina Campos  
Centro Universitário de Lavras  
rafaella\_campos@hotmail.com

Recebido em: 16/4/09. Aprovado em: 29/8/11  
Avaliado pelo sistema blind review  
Avaliador científico: Cristina Lelis Leal Calegario

### ABSTRACT

The term “social capital” can be considered an optimizing variable of the equation of social development and regional economical prosperity. Indeed it makes coordinated actions easier, thus improving and increasing the efficiency of the society by characteristics such as confidence, cooperation, and participation. This way they can be recognized as a help to make the social and economical development easier. The goal of this study is the analysis of the existence and predominance of social capital in a coffee farm of Poço Fundo town. This property produces organic coffee on the South region of Minas Gerais state. Thus, methodologically this study has specifically intended to identify a multimethod approach, and this encompasses procedures of quanti-qualitative research along with a triangulation technique. The results showed that in the reality observed in Poço Fundo there are ways of social capital as a community resource, as well as denser and closer nets in which the trust by means of cooperation and solidarity allowed the organic coffee farmers of this region to create an union. After they could create a cooperative with the beginnings of working management inside the philosophy of the *fair trade*. This network created by the coffee farmers secured them some empowerment to act in a very competitive market.

**Palavras-Chave:** Capital social, desenvolvimento, cafeicultura.

**Keywords:** Social capital, development, coffee growing.

## 1 INTRODUÇÃO

O termo capital social tem despertado a atenção de estudiosos e teóricos do desenvolvimento que questionam sua validade como teoria ou paradigma. Para muitos, o capital social pode ser uma variável potencializadora da

equação do desenvolvimento social e da prosperidade econômica em algumas regiões. Isso porque essa variável facilita ações coordenadas, promovendo e aumentando a eficiência da sociedade, por meio de características tais como confiança, cooperação e participação, podendo tornar-se facilitadoras do desenvolvimento econômico e

social em regiões que possuem altos índices dessas variáveis.

Neste contexto, é importante considerar a sociedade e suas relações sociais no processo de desenvolvimento regional. Portanto, são importantes estudos que abordem o referencial do capital social com o objetivo de estudar desigualdades regionais, a partir de constatações de que algumas regiões de um mesmo estado ou região do País podem desenvolver níveis diferentes de desenvolvimento social e econômico.

Na visão de Boisier (1997), na sociedade civil, em que há formas de integração social, participação e cooperação, observa-se que essas formas podem ser consideradas como variáveis de modernização e de transformação socioeconômica em uma região.

A importância da sociedade civil e das relações sociais é, com a mesma ênfase, defendida por outros pesquisadores. Uma das chaves do desenvolvimento local reside na capacidade de cooperação e ajuda mútua entre seus atores. Também é conveniente particularizar a análise das formas de cooperação institucional ou voluntária que se produzem entre eles, contanto que o objetivo seja o desenvolvimento local (GODARD et al., 1987).

Robert Putnam estudou, durante vários anos, os diversos aspectos que condicionaram as diferenças regionais encontradas entre o norte e o sul da Itália. Uma de suas mais importantes conclusões é a percepção de que, na Itália contemporânea, o trabalho colaborativo dos cidadãos estava estritamente ligado aos níveis de desenvolvimento social e econômico (PUTNAM, 1996).

A novidade do estudo de Robert Putnam está na inclusão da concepção de capital social e sua influência no desenvolvimento econômico. Assim, compreende-se por Capital Social o conjunto das características da organização social, que abrangem redes de relações, normas de comportamento, valores, confiança, participação, cooperação, obrigações e canais de informação. O Capital Social existente em uma região pode tornar possível a tomada de ações colaborativas que resultem no benefício de toda comunidade.

O destaque dado aqui para a importância da sociedade civil e cidadã está inserido no debate e na compreensão de que o desenvolvimento regional está diretamente ligado às características da organização social e das relações cívicas encontradas em cada região (capital social). Isso porque a capacidade de organização social revela-se como um poderoso determinante na construção de mecanismos de cobrança da sociedade na prestação de contas da coisa pública, para o desenvolvimento social e econômico de uma região.

O capital social é considerado a base de uma das principais estratégias de desenvolvimento nas próximas décadas. Fukuyama (1996) chega a afirmar que as nações e regiões mais prósperas serão aquelas mais bem preparadas para formar cidadãos para trabalharem colaborativamente e organizadas em comunidades cívicas, ou seja, é aquela em que a confiança e a cooperação ativam a participação dos cidadãos de uma região ou país em direção a objetivos comuns e a um futuro almejado. Por isso, nos últimos anos, a ideia de capital social tem sido tão destacada por organismos internacionais, em revistas especializadas e em diversos estudos e deve ser considerada na análise do desenvolvimento e da prosperidade de alguns países e regiões.

Portanto, estudos sobre o capital social como ferramenta de análise do desenvolvimento local são importantes, pois podem ajudar a explicar por que uma sociedade colaborativa e organizada é fator indispensável à prosperidade econômica e à boa governança.

A maioria dos estudos e debates sobre capital social aponta para três identificadores principais: a confiança, a cooperação e a participação. A confiança alimenta a previsibilidade das relações sociais e, por sua vez, gera a cooperação entre as pessoas. A cooperação, por sua vez, alimenta a confiança e a reciprocidade entre os membros do grupo e incrementa a participação em grupos e ou associações.

Assim, o capital social sustenta que a participação voluntária gera normas de cooperação e confiança entre seus membros e que essas normas são aquelas exigidas para a participação (BARQUERO, 2001). Dessa maneira, o capital social pode ser incrementado pelo processo de socialização, potencializando comportamentos participativos e cidadãos. Nessa direção, uma comunidade cooperativa pode potencializar interações que levem ao surgimento de pessoas mais críticas fiscalizadoras dos bens públicos, ampliando o envolvimento e a participação das pessoas na dimensão da gestão pública (NAZZARI, 2006).

Para a administração, novos modelos de análise do desenvolvimento e da prosperidade econômica de certas regiões, envolvendo identificadores de capital social, são iniciativas importantes, pois há uma crescente consciência de que a sociedade organizada (nesse caso sinônimo de capital social) produziria mecanismos de controle na relação gestão pública- sociedade, na prestação de serviços mais adequados.

Assim, da perspectiva de discutir e analisar capital social como variável potencializadora do desenvolvimento sócioeconômico e definir indicadores capazes de mensurar a sua intensidade em uma organização cafeeira no município

de Poço Fundo, na região Sul do estado de Minas Gerais, que se desenvolveu tanto socialmente como economicamente, é o que se delimita como problema de estudo.

Neste estudo, entendem-se como indicadores do capital social a confiança, a cooperação e a participação. Esses indicadores estão sendo amplamente utilizados nas ciências sociais e humanas, principalmente em estudos contemporâneos para verificar as desigualdades no processo de desenvolvimento social e econômico em alguns países e regiões.

## 2 OBJETIVOS DO ESTUDO

### 2.1 Geral

Objetivou-se, neste estudo, verificar a existência de capital social em uma organização cafeeira no município de Poço Fundo, na região sul do estado de Minas Gerais.

### 2.2 Específicos

Especificamente, o estudo se propôs a:

- selecionar indicadores de capital social capazes de mensurar a sua intensidade na região cafeeira estudada;
- identificar, por meio dos indicadores, a existência e a intensidade de capital social na região cafeeira estudada.

## 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 3.1 Capital social – Um breve histórico

Na primeira metade do século XIX, Aléxis de Tocqueville, considerado *pai* da moderna ciência política, viajou aos Estados Unidos da América interessado em observar a efervescência democrática da sociedade naquela época. O que mais despertou a atenção de Tocqueville foi o espírito e o vigor dos americanos em se associarem para fazer quase tudo. O resultado de suas observações de viagem foi publicado em um clássico da literatura política, chamado “A Democracia na América”, que veio à luz na segunda metade da década de 1830.

Tocqueville encontrou nos Estados Unidos associações civis e associações políticas. O autor chamou a atenção para a facilidade com que os americanos se associavam na vida civil, tendo em vista os mais variados fins. Segundo o autor, os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos se unem constantemente. Não só possuem associações comerciais e industriais, mas também tomam parte de outras várias associações, sejam elas grandes ou pequenas (TOCQUEVILLE, 1987)

Tocqueville ficou tão impressionado com o comportamento coletivo e a capacidade de cooperação dos americanos que enunciou, pela primeira vez, a expressão “governo civil” (ênfatizando a capacidade da sociedade humana de gerar ordem, espontaneamente, a partir da cooperação). A partir disso, infere-se aqui que, em linha direta, houve o início da aplicação do conceito de capital social.

No início dos anos 60 do século passado, Jane Jacobs tinha interesse em explicar por que certas cidades americanas pareciam vivas, florescentes, enquanto outras pareciam estar morrendo. Jacobs realizou uma pesquisa empírica para tentar desvendar o segredo da vitalidade das cidades e descobriu que, naquelas cidades que pareciam entidades vivas, efervescentes, com alto dinamismo social, existiam, nos seus bairros e distritos, pessoas conectando-se com pessoas, horizontalmente, voluntariamente, para discutir os problemas comuns, as questões coletivas relacionadas com o bem-estar geral. É que, nas cidades que pareciam estar morrendo, não se observava a ocorrência desse fenômeno. Jacobs explicou a questão dizendo que essas redes sociais denominavam-se “capital social”, indispensável à vivificação das localidades. Jacobs foi a primeira pessoa que empregou a expressão capital social com esse sentido contemporâneo (FRANCO, 2008).

Em 1989, com um célebre artigo de Coleman (1989), tiveram início os estudos sobre o “Capital Social”. Nessa época, um cientista político americano chamado Robert Putnam já estava concluindo a sua pesquisa na Itália.

Putnam (1996), na Itália, tentou explicar por que certas localidades italianas tinham boa governança<sup>1</sup> e prosperidade econômica enquanto outras não. Putnam queria entender por que Milão e Bolonha, na Itália, tinham mais prosperidade econômica do que Palermo e Cosenza. Putnam explicou que, no norte da Itália, existem mais geração e reprodução de capital social do que no sul porque os padrões de organização e os modos de regulação estão diretamente envolvidos na capacidade das sociedades de

---

<sup>1</sup>A expressão “governance” surge a partir de reflexões conduzidas principalmente pelo **Banco Mundial**, “tendo em vista aprofundar o conhecimento das condições que garantem um Estado eficiente” (DINIZ, 1995, p. 400). Ainda segundo Diniz (1995), “tal preocupação deslocou o foco da atenção das implicações estritamente econômicas da ação estatal para uma visão mais abrangente, envolvendo as dimensões sociais e políticas da gestão pública”.

cooperar, formar redes, regular seus conflitos democraticamente e, enfim, constituir comunidade, ou seja, no sentido de comum-idade. Ele descobriu que, naquelas cidades italianas com prosperidade econômica e boa governança, havia uma história de organização da sociedade civil.

Foi o estudo de Putnam que consagrou o estudo sobre o quinto estoque na literatura econômica, o capital social, apontando para a sua importância no crescimento, além dos capitais físico, financeiro, natural e humano<sup>2</sup>.

Para Putnam (1996), o nível de capital social existente em uma sociedade pode explicar o crescimento ou o declínio do seu desenvolvimento econômico. Ele também observou que há uma relação entre o senso de eficácia política das redes sociais e a prosperidade das comunidades, o que foi denominado de capital social como um recurso coletivo ou comunitário. Segundo esse autor, é por meio desse recurso coletivo e pelo envolvimento e a participação das pessoas em atividades associativas com vizinhos, estruturas cívicas locais e nacionais que ocorre impacto no desenvolvimento econômico e no nível de riqueza das comunidades.

### 3.2 Capital social como recurso coletivo

Um dos autores pioneiros a conceituarem capital social foi James Coleman que, posteriormente, foi revisitado por vários outros autores, que enriqueceram o conceito e lhe agregaram novos e diferentes enfoques.

Coleman (1990) define capital social como um recurso coletivo que consiste em características da estrutura social que podem facilitar ações dos atores sociais, sejam eles pessoas ou organizações, dentro dessa mesma estrutura e que podem resultar num sentimento de obrigação com relação à outra pessoa ou grupo social. Coleman (1988, 1990) reforça, em seus dois artigos, que o capital social é um bem público ou coletivo, inserido na estrutura social e, como tal, capaz de beneficiar o grupo como um todo. O capital social segundo ele, é como a associação a um grupo, resultante de uma união de agentes que compartilham ativos comuns e ligados por laços de natureza coletiva.

---

<sup>1</sup>Capital humano: está ligado a capacidades técnicas, cognitivas; Capital natural: representa o potencial de matérias primas brutas naturais serem transformadas em bens de consumo. Capital físico: representa o potencial de máquinas e ferramentas serem utilizados na produção de bens e serviços. Capital financeiro: representa o potencial de troca de poder econômico por outros bens e serviços.

Putnam (1996), um dos maiores responsáveis pela divulgação do conceito de capital social define com características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas.

Inglehart (1997, citado por VALE, 2006), considera que o capital social equivale à cultura de confiança e tolerância, na qual redes extensas de associações voluntárias emergem. Fukuyama (1996) considera que o capital social representa o conjunto de normas e valores compartilhados entre membros de um grupo, que permite cooperação entre eles. Bourdieu (1980) também considera o capital social como um conjunto de relações de ajuda mútua que podem ser mobilizadas efetivamente para beneficiar o indivíduo ou sua classe social. North (1990, citado por DURSTON, 2000), considera o capital social como um conjunto de normas e valores que facilitam a confiança entre os atores e que se manifesta em cooperação baseada na confiança. Com essa mesma visão, Durston (2000) considera capital social como relações que combinam atitudes de confiança por meio de condutas de cooperação que proporcionam maiores benefícios àqueles que a possuem.

Percebe-se que, para os autores citados, a confiança é um componente básico do capital social, pois promove a cooperação. Segundo Putnam (1996), quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação; ao mesmo tempo, a própria cooperação gera confiança e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a prosperidade econômica para as regiões que apresentam alto nível de capital social.

O capital social está associado ao plano coletivo por ajudar a manter a coesão social, tendo como base a confiança e, conseqüentemente, a obediência às normas e às estruturas normativas, gestoras e sancionadoras das instituições e associações horizontais voluntárias, salientando a negociação em situação de conflito e a prevalência da cooperação sobre a competição. Assim, na vida pública, o capital social resulta num estilo de vida baseado na associação espontânea, no comportamento cívico e numa sociedade mais aberta e democrática (PUTNAM, 1996).

Abramovay (1998) considera que o desenvolvimento territorial deve se apoiar na formação de uma rede de atores trabalhando para a valorização dos atributos de certa região. Ele descreve que a formação de capital social para a construção de um modelo de desenvolvimento local está ligada ao território, não só ao espaço físico que ele representa, mas segundo a capacidade dos atores de estabelecerem relações organizadas.

Resumindo bem essa perspectiva do capital social como um recurso coletivo, Seralgedin et al. (2000) percebem o capital social dentro de uma visão comunitária. Segundo os autores, o capital social seria a “cola” que mantém as comunidades unidas.

Portanto, verifica-se que o capital social permite alcançar benefícios para os grupos que os possuem e que está sempre presente se houver uma característica da organização social que, intencionalmente ou não, potencializa o trabalho humano, coordenando as atividades dos agentes com resultados produtivos para o grupo. Dessa forma, o capital social pode potencializar o desenvolvimento socioeconômico em regiões que detêm altos índices dessa variável.

### 3.3 Capital social associado a redes comerciais e sociais

A utilização da metáfora rede ou tecido teve início na sociologia e depois foi empregado na psicologia e na antropologia para associar o comportamento do indivíduo à estrutura à qual ele pertence. Essa metodologia foi denominada de sociometria, isso é, diagramas de redes que permitem a visualização da estrutura que está sendo estudada. Segundo Watts (1999 citado por MARTELETO; SILVA, 2005), as redes são sistemas compostos por “nós” e conexões representadas por sujeitos sociais, como indivíduos, grupos, organizações, etc., conectados por algum tipo de relação.

A relação entre capital social e redes pode ser evidenciada por meio da conceituação de capital social, definida por Putnam (1996) como as características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. Portanto, observa-se que, tanto o capital social como as redes são dependentes e neles interagem pelo menos dois indivíduos. Assim, fica evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, que passa a ser definido como um recurso da comunidade, construído pelas suas redes de relações.

Os indivíduos inseridos em redes teriam a vantagem de pertencer ao grupo de membros interconectados na rede mantendo contatos, além da possibilidade de manter contato fora da rede, pois ela possibilita conexões também privilegiadas com outros membros de outras redes ou grupos não conectados a sua rede original.

Nas redes fechadas não existem contatos externos de indivíduos, e são consideradas fontes de capital social, que são capazes de gerar vínculos de confiança e de solidariedade. Os indivíduos inseridos em tais redes

gozariam de maiores vantagens, pois vínculos internos intensos garantem canais confiáveis de comunicação e a presença da solidariedade, protegendo os membros da exploração e do comportamento oportunístico, representado, inclusive, pelo “*free rider*”, tornando possível a implementação de ações coletivas contra membros do grupo que, eventualmente, desrespeitem a norma existente ou contra um intruso inoportuno (COLEMAM, 2000).

No caso de redes densas e fechadas existem algumas vantagens. Nesse tipo de rede, a confiança mútua reduz o custo de transação entre seus membros. Também as redes fechadas reduzem a necessidade de cada pessoa, individualmente, acessar uma fonte primária de informação, podendo se basear na transmissão de informações que ocorre dentro do grupo. Por exemplo, uma pessoa, para se manter atualizada, não precisaria, eventualmente, ler regularmente o jornal, pois a notícia poderia lhe ser repassada por outros membros do grupo.

## 4 METODOLOGIA

Os avanços nos estudos de desenvolvimento socioeconômico têm apontado para o uso de métodos múltiplos, incluindo a combinação de dados qualitativos e quantitativos. Patton entende que estudos sobre o desenvolvimento socioeconômico requerem a discussão dos pontos fortes e fracos dos dados qualitativos e quantitativos.

De acordo com esse trabalho, a análise foi trabalhada com visão ampla das relações entre o capital social como elemento indutor do desenvolvimento socioeconômico, sistematicamente aferido sobre métodos múltiplos, uma vez que elementos em interação nem sempre produzem manifestações mensuráveis, podendo, inclusive, alguns desses elementos não apresentarem atributos quantificáveis. Portanto, foi adotado um procedimento metodológico incluindo a combinação de dados quantitativos e qualitativos por meio de uma triangulação metodológica que, segundo Alencar e Gomes (1998), consiste no “uso de métodos múltiplos para estudar o mesmo problema de pesquisa”.

Para este estudo, foram utilizados os seguintes métodos de pesquisa:

- entrevista estruturada (tipo survey, com questionário);
- entrevista em profundidade (com roteiro semiestruturado);
- análise documental;
- observação não participante.

#### 4.1 Seleção dos atores sociais

Os atores sociais escolhidos foram os cafeicultores “orgânicos” do município de Poço Fundo associados à Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço e Região (COOPFAM), uma vez que a produção específica desse tipo de café é estritamente restrito na região, e em Poço Fundo há o estabelecimento de prevalência no mercado de compra, por isso o sítio foi selecionado pela sua notória representação mercatorial.

#### 4.2 Amostragem

##### 4.2.1 Na pesquisa quantitativa

Para a utilização do método entrevista estruturada (tipo survey), utilizou-se uma amostragem dos cafeicultores. A partir desse processo, obteve-se uma amostra de 40 respondentes no município de Poço Fundo, o que representou 29,4% do universo da população.

##### 4.2.2 Na pesquisa qualitativa

Para a definição da amostragem na pesquisa qualitativa, que foi realizada por meio do método entrevista de aprofundamento (tipo roteiro), foi utilizada a amostragem não probabilística por conveniência que, segundo Alencar e Gomes (1998), é um método no qual os indivíduos são escolhidos simplesmente por serem mais acessíveis ou, então, por serem mais fáceis de serem avaliados. Sua tipicidade é que nos interessa, por possuírem alguma vinculação com o estudo sobre capital social como variáveis potencializadoras do desenvolvimento econômico e social.

No município de Poço Fundo, a população amostrada foi constituída por seis produtores de café orgânico (Produtor 1, 2, 3, 4, 5 e 6), o presidente (Presidente 3) e três diretores da Coopfam (Diretor 1, 2 e 3) e um presidente da Associação de Cafeicultores Orgânicos do município de Poço Fundo (Presidente 4).

##### 4.2.3 Análise dos dados

###### 4.2.3.1 Na pesquisa quantitativa

No processo de análise dos dados, foi utilizado o software estatístico, pelo qual foram avaliados dois tipos de dados estatísticos:

- análise univariada: neste tipo de análise utilizaram-se a frequência, a porcentagem e a média de todas as variáveis consideradas na pesquisa – nominais e escalares. Para efeito das análises estatísticas, as escalas (que são ordinais) foram consideradas como intervalares;

- análise correlação: analisaram-se as correlações pelo método de Spearman com o nível de correlação significante. As variáveis que apresentaram essas correlações foram utilizadas na contribuição da análise dos dados da pesquisa.

##### 4.2.3.2 Na pesquisa qualitativa

No processo de análise das informações obtidas por intermédio de entrevistas e profundidade, foram utilizados processos envolvendo a organização das informações em relatos, transcrições, leitura e comparações, para identificar o que existe ou não em comum entre elas, além da extração e da organização dos conceitos em categorias das comparações, com o objetivo de redigir os resultados.

Após a realização das análises dos dados separadamente, esses dados foram utilizados em uma única redação, em um tratamento conjunto na discussão do estudo, apontando a construção de reflexões sobre capital social e *accountability* no processo de desenvolvimento regional.

A adoção dos procedimentos metodológicos teve o objetivo de experimentar combinações de métodos capazes de fornecer a confiabilidade e a validade esperadas, ampliando-se a diversidade de olhares para a estruturação de um plano de análise no qual estava envolvida uma pluralidade de atores sociais, proporcionando coleta de dados que representaram a compreensão da realidade social implícita no município estudado.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Caracterização das propriedades de acordo com a área total

Verificou-se que, no município de Poço Fundo, a maioria das propriedades agrícolas era pequena, 72,5% (29) e as médias propriedades eram cerca de 22,5% (09) da amostra estudada.

Pelos dados da pesquisa, pode-se observar o sistema social encontrado, evidenciado nos dados da Tabela 1, é de um grande número de pequenas e médias propriedades cafeeiras, as quais são importantes, devendo ser um fator a ser considerado pelas associações de classe, no município estudado.

### 5.2 Indicadores do capital social

#### 5.2.1 Confiança

Em Poço Fundo, os dados demonstram que 87,5% (35) dos entrevistados concordaram que existe confiança entre os cafeicultores daquele município, 5% (02) ficaram indecisos e 7,5% (03) discordaram com essa afirmação.

**TABELA 1** – Caracterização das propriedades agrícolas de acordo com o tamanho.

Tamanho da Propriedade	Frequência		Acumulado (%)
	Absoluta	Percentual (%)	
Até 10 ha	29	72,5	72,5
10 a 50 ha	9	22,5	95,0
Acima de 50 ha	0	0	95,0
Não responderam	2	5,0	100,0
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

**TABELA 2** – Percepção dos cafeicultores em relação à confiança.

Respostas	Frequência		Acumulado (%)
	Absoluta	Percentual (%)	
Concordo fortemente	8	20,0	20,0
Concordo	27	67,5	87,5
Indeciso	2	5,0	92,5
Discordo	2	5,0	97,5
Discordo fortemente	1	2,5	100,0
Não Responderam	0	0,0	100,0
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

Recentemente, a confiança tem merecido atenção das ciências sociais, com a explosão do interesse pelo tema e os meios de promovê-la. Particularmente, neste trabalho, o estudo sobre a confiança é essencial, pois trata-se de um ingrediente vital do capital social. Isso porque, a partir dela, poderão existir cooperação e participação dos atores sociais envolvidos, o que pode estar relacionado ao desenvolvimento social e à prosperidade econômica da cafeicultura nas duas regiões estudadas. Essa variável representa, na literatura sobre o assunto, ingrediente fundamental para a manutenção de laços e redes, os quais promovem a eficiência das sociedades em busca de objetivos comuns.

Enquanto na versão associativa, confiança é sinônimo de amizade e solidariedade, na perspectiva econômica, relações estáveis de confiança são vistas como instrumento para “azeitar” as relações entre os envolvidos melhorando a eficiência entre e no interior das associações. A confiança constitui, desse ponto de vista, ingrediente chave para reduzir as ameaças e as “falhas de mercado”, diminuindo os riscos do negócio (ALBAGLI; MACIEL, 2002).

Ficou evidenciado, neste estudo, que no município de Poço Fundo existe alto grau de confiança entre os

cafeicultores o que, sem dúvida, solidificou o capital social existente nessa região e proporcionou a sustentação de normas, condutas e valores que predispõem os cafeicultores à cooperação por meio da estrutura organizacional da Copfam. Isso, conseqüentemente, pode contribuir para o desenvolvimento da cafeicultura regional em Poço Fundo.

Um dos diretores declarou que essa confiança, existente na cooperativa de Poço Fundo, veio da “base”, ou seja, da associação dos produtores orgânicos do município, e que a essência filosófica dos associados foi criada com base na solidariedade e no espírito de ajuda mútua.

*O produtor orgânico, até mesmo pela ideia de ser orgânico, já tem toda uma firmeza, uma transformação daquilo que realmente é o objetivo onde quer chegar. Realmente uma visão diferenciada em que ele não vê apenas a questão de produção e de preço, mas sim a união e a solidariedade e ajuda entre eles próprios. Você vai notar essa diferença no seu estudo (Diretor 3).*

Putnam (1996) considera que, para manter os laços comunitários, é necessário difundir a confiança entre as

peessoas, pois isso permite aos envolvidos superarem o individualismo. Então, a confiança criada entre os agentes pertencentes a uma rede de relacionamento é de fundamental importância na formação do capital social. A confiança possibilita maior interação entre os participantes, garantindo que os resultados e os ganhos coletivos sejam maiores que os ganhos individuais. Contribuindo com essa análise, Albagli e Maciel (2003) consideram que “o capital social constitui um ativo resultante do fato de pertencer a uma dada comunidade”.

Em Poço Fundo, ficou evidente, pelas observações de campo, que a confiança alcançada por esse grupo foi produto de longo prazo, a partir de padrões históricos de associativismo de compromisso e interações extrafamiliares. Culturalmente, os cafeicultores ficaram mais dispostos à associação e ao engajamento em ações coletivas, o que proporcionou melhor organização dos cafeicultores para solucionar os problemas comuns.

*Existe muita confiança e cooperação entre os produtores. Você vê nas comunidades alguns fatos e histórias de solidariedade, quando eles juntam cinco, dez, para discutir e propor soluções. Já existia isso na vida deles. Hoje, nos temos comunidade em que as casas são construídas em mutirão, não é só o fato deles produzirem café. Na vida deles, eles têm isso como princípio. É um sistema enraizado e a cooperativa vem para fortalecer de forma tanto econômica como social (Diretor1).*

Na opinião do diretor da cooperativa, os cafeicultores da região de Poço Fundo não são atores isolados, mas estão embutidos, enraizados, imersos, imbricados, incrustados (*embeddness*) nas relações, redes e estruturas sociais. Isso porque o comportamento dos indivíduos não é movido apenas pela racionalidade econômica, mas também pela sociabilidade. Nessa visão, os laços pessoais e as redes de relacionamento entre os cafeicultores podem explicar o processo de desenvolvimento social e econômico da cafeicultura da região.

### 5.2.2 Cooperação

Verhagen (1984) define sociedade cooperativa como uma associação de pessoas, usualmente com recursos limitados, que se dispõem a trabalhar juntas e de forma contínua e que possuem um ou mais interesses comuns e que, por esses motivos, formaram uma organização democraticamente controlada, na qual

custos, riscos e benefícios são equitativamente divididos entre os membros. Esse autor considera que o principal objetivo da promoção do cooperativismo deve ser, em primeiro lugar, dirigido para a organização dos pequenos produtores em “grupos funcionais” (grupos informais ou não oficializados), orientados para a consecução de objetivos comuns. Ele também considera que esses grupos devem se originar a partir das necessidades dos produtores e se estruturar em conformidade com os princípios de autoconfiança e participação dos membros, o que ele chama de “nova abordagem cooperativa”.

No município de Poço Fundo, 95% (38) dos entrevistados perceberam uma relação de cooperação e ação coletiva; 2,5% (01) ficaram indecisos e somente 2,5% (01) discordaram do fato de que existe uma relação de cooperação e ação coletiva nessa região.

Os dados quantitativos demonstraram, na região de Poço Fundo, correlações positivas entre a variável cooperação e as variáveis grau de confiança (+0,436), comportamento honesto, baseado em normas compartilhadas (+0,479) e a variável confiança nos gestores/dirigentes (+0,561). Esses resultados demonstram que maiores níveis de cooperação, nessa região, estavam relacionadas à incidência de maiores níveis de confiança entre os cooperados, ao grau de confiança nos gestores da cooperativa e na aceitação de normas, obrigações e ou, mesmo, sanções que encorajam os indivíduos a trabalharem de forma conjunta.

Esses dados corroboram os estudos de Durston (2000), Fukuyama (1996), Putnam (1996) e Robinson (2002), que afirmam que o capital social é considerado um conjunto de normas e valores que facilitam a confiança entre os atores e que se manifesta em cooperação baseada na confiança. Portanto, a confiança é um componente básico do capital social, pois promove a cooperação. Quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação; ao mesmo tempo, a própria cooperação gera confiança e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a prosperidade econômica para a cafeicultura nas regiões que apresentam alto nível de estoque de capital social.

Putnam (1996) considera que a cooperação em associações comunitárias se dá por meio de certas estruturas e práticas sociais que incorporam e reforçam as normas e os valores da comunidade cívica, ou seja, características tais como associativismo, colaboração social e espírito de cooperação.

No município de Poço Fundo, foram encontradas, a partir da observação não participante, práticas de ajuda e cooperação entre as famílias vizinhas. Por exemplo: toda primeira quarta-feira do mês há a reunião das mulheres dos produtores de café associados à cooperativa para discutirem temas de interesse. Em paralelo, juntamente com a reunião, em uma sala ao lado acontece um reforço escolar para alunos carentes da escola pública, orientado por voluntárias. As crianças, além do reforço, recebem aula de pintura e computação e um lanche patrocinado pela cooperativa. Esses dados são reforçados pelas análises estatísticas que demonstraram correlação positiva, a 5%, com a variável ajuda mútua (+0,365). Isso indica que a existência de ajuda mútua entre os cooperados eleva o nível de cooperação entre os participantes da cooperativa. Essa cooperação por meio de ações coletivas também foi observada em quase todas as tarefas sociais. Quando alguém precisa, os cafeicultores reúnem-se para ajudar aquela família. Fazem isso para construir casas, galpões, hortas, maquinários e até para recolher esterco para a horta do asilo da cidade.

*Existe um sistema de trabalho em conjunto e de cooperação porque existe um sistema de ajuda. Até casa de morada já construímos (Produtor 2).*

*Existem mutirões. Houve até um caso que um produtor, com problema de coluna, teve quatro mutirões para fazer o trabalho de panha do café dele (Produtor 6).*

*...aqui nós coopera no sentido de ajudar. Até para recolher esterco pra horta do asilo já fizemo aqui uma cooperação aqui. (Produtor 4)*

Esses fatos demonstram a existência de uma alta integração na região de Poço Fundo entre os cooperados,

indicando uma ação coletiva e um significativo nível de capital social que estava à disposição dessa localidade.

Para reforçar a existência de cooperação e da ação coletiva no município de Poço Fundo, os dados demonstram que 92,5% (37) concordam que existe, naquela região, uma relação de ajuda entre os cafeicultores e somente 7,5% (03) ficaram indecisos. Essa ajuda é observada por toda a parte no município, pois as casas dos cafeicultores costumam ser muito próximas e as lavouras também. Assim eles fazem rodízio em quase tudo, como em maquinários e em mutirões para plantio e para a colheita.

*Acho que existe ajuda no sentido de ajuda no maquinário. A gente tem cooperação (Produtor 4).*

Pela observação não participante foram percebidas experiências em relação à convivência e inter-relacionamento entre os produtores e seus grupos. Por exemplo, onde uma lavoura tinha inúmeras divisões, ao serem indagados, a resposta foi que se tratava “da parte dos vizinhos”.

Também a Coopfam e seus cooperados ajudavam a população carente, em especial jovens e crianças, mantendo parcerias para o desenvolvimento sustentável da comunidade em que está inserida, com destaque para educação continuada das crianças, treinamento técnico dos jovens, tratamentos dentários, programas de inclusão digital, atendimento a idosos, defesa da vida e incentivo ao plantio de árvores.

### 5.2.3 Participação dos cooperados

Segundo Bordenave (1992), participação é “fazer parte de algum grupo ou associação” ou “tomar parte numa determinada atividade” ou, ainda, “ter parte num negócio”. A palavra participação vem da palavra parte. Nessas frases, percebe-se a diferença entre a participação passiva e ativa,

**TABELA 3** – Percepção dos cafeicultores em relação à cooperação e à ação coletiva na região de Poço Fundo, MG

Respostas	Frequência		Acumulado (%)
	Absoluta	Percentual (%)	
Concordo fortemente	5	12,5	12,5
Concordo	33	82,5	95
Indeciso	1	2,5	97,5
Discordo	1	2,5	100,0
Discordo fortemente	0	0,0	100,0
Não Responderam	0	0,0	100,0
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

a distância entre o cidadão inerte e o engajado. O homem participa dos grupos primários, como a família, o grupo de amizade ou de vizinhança, e dos grupos secundários, como as associações profissionais, cooperativas, sindicatos, empresas. Participam ainda dos grupos terciários, como partidos políticos e movimentos de classe.

Pelos dados da Tabela 4, observa-se que 92,5% (37) dos cafeicultores entrevistados no município de Poço Fundo consideram que a participação dos cooperados é ativa e 7,5% (03) consideram que ela ainda é passiva.

Na entrevista qualitativa, observaram-se percepções favoráveis dos diretores da Coopfam em relação à participação dos cafeicultores, como demonstrado a seguir.

*Existe a participação. Só pra ter uma ideia, todas as questões relacionadas à cooperativa, há uma participação e uma discussão de tudo que será feito, há uma participação dos cooperados em estar buscando o que há de novo, aonde podemos chegar, eles dão opiniões. É até uma questão complicada para os diretores, onde duzentos e cinquenta famílias, todos sabem, todos querem mandar, querem seus direitos. Então, há uma participação, inclusive percebo que, na hora de entrega do produto e da comercialização, a participação é muito maior (Diretor 3).*

*A participação é fantástica dos produtores. Inclusive, os produtores no grupo são cobrados para participarem mais porque eles veem as vantagens de participar e obter informações. Eles têm uma visão aberta (Diretor 1)*

*Aqui, as participações na Coopfam conseguiram até 70, 80% dos cooperados em assembleia. A cooperativa coirmã diz que consegue só 10% dos cooperados nas assembleias (Diretor 3).*

*Os cooperados têm uma frequência grande na cooperativa. Tão sempre perguntado sobre as decisões da cooperativa (Diretor 2).*

Foram, ainda, observadas correlações positivas altamente significativas a 1% entre a variável participação e o variável grau de confiança entre os cooperados (+0,343); ajuda mútua entre os cooperados (+0,422) e o nível de cooperação entre os membros da cooperativa (+0,608). Isso indica que a participação dos cooperados é ativa quando há maior intensidade da confiança, da ajuda e da cooperação entre os cafeicultores.

Na região de Poço Fundo, a participação dos cooperados estava estruturada em núcleos. A cooperativa conduz sua gestão por meio de uma administração participativa, na qual onze núcleos de cafeicultores associados se reúnem uma vez por semana para discutir, opinar e trazer propostas para a pauta de uma reunião mensal, na sede da Coopfam no primeiro domingo de cada mês, da qual somente os líderes comunitários de cada núcleo participam com o presidente e a diretoria. A Coopfam também possui núcleos fora do município de Poço Fundo, como, por exemplo, em Machado, Andradas, Campestre, Ouro Fino, Cambuí, Paraguaçu, Santa Rita do Sapucaí, Natércia, Nepomuceno e Inconfidentes (todos situados no Sul de Minas Gerais).

A existência de núcleos gestores na cooperativa de Poço Fundo é uma tentativa de aumentar a participação dos cooperados na gestão da cooperativa. Esse tipo de participação é classificado, por Bordenave (1992), como participação em cogestão, na qual a administração da organização é compartilhada mediante mecanismos de codecisão e colegialidade. Nesse caso, os cooperados exercem influência direta na eleição de um plano de ação e na tomada de decisões da cooperativa.

Percebeu-se, no município de Poço Fundo, um desenvolvimento da comunidade onde a participação é ativa. Essa participação é efetivada por meio da delegação de responsabilidade e da criação de núcleos gestores na cogestão da cooperativa, em que um líder de cada núcleo participa da direção da cooperativa, trazendo as demandas dos cafeicultores e também informando aos núcleos

**TABELA 4** – Classificação da participação dos cooperados.

Respostas	Frequência		Acumulado (%)
	Absoluta	Percentual (%)	
Ativa	37	92,5	92,5
Passiva	3	7,5	100,0
Não Responderam	0	0,0	100,0
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

gestores as decisões a serem tomadas pela cooperativa. Esse mecanismo de cogestão é considerado um veículo da participação e de democracia.

Os cafeicultores no município de Poço Fundo são divididos em quatro núcleos: Jacutinga, Cardoso, Barreiro, Bocaina e cinco bairros isolados: Dourado dos Lopes, Pinhalzinho, Barro Amarelo, Piedade e Serra dos Coutinhos. Interessante observar que muitos bairros no município de Poço Fundo tiveram origem a partir do estabelecimento de famílias nas localidades. Os nomes dos bairros referem-se às primeiras famílias moradoras ou a certas características do local. No caso do bairro Dourado dos Lopes, por exemplo, Dourado veio do rio e Lopes, a primeira família residente.

Pode-se observar, pelas declarações a seguir, como é eleito o líder do núcleo que compõe a diretoria da cooperativa no município de Poço Fundo.

*O líder é eleito por voto e até por aclamação. Eles dizem: 'fulano é o líder aqui'. O líder é trocado a cada dois anos. Se o grupo quiser que ele permaneça, não existe uma lei que diga que isso não seja permitido. Não tem validade de um ou dois mandatos (Produtor 2).*

*Com a certificação orgânica e a filosofia do fair trade nós somos cobrados sobre a democracia e a participação. Cada núcleo tem um coordenador e um representante da diretoria da associação e da cooperativa. O processo eleitoral é o seguinte: a gente pede a cada um dos núcleos que faça entre eles uma eleição e nomeie, elejam para participar da diretoria e na assembléia é confirmada essa diretoria. É a forma mais democrática e rápida porque, na assembléia, todo mundo quer argumentar. Portanto, esse sistema possibilita que eles conversem no núcleo para passar na assembléia (Presidente 3).*

Esses núcleos constituem instrumentos para o aumento da participação direta dos cooperados na gestão da cooperativa, o que aumenta a eficiência e a efetividade das ações coordenadas locais e a democratização centrada em três características fundamentais: maior responsabilidade dos gestores da cooperativa, reconhecimento de direitos sociais e abertura de canais para ampla participação dos cooperados.

Percebe-se, nesse momento, a configuração de redes densas e fechadas (COLEMAM, 2000), pois, nesse tipo de rede, a confiança mútua reduz o custo de transação entre os

membros porque reduz a necessidade de cada cafeicultor, individualmente, de acessar a fonte primária de informação, ocorrendo a transmissão de informações que ocorre dentro do núcleo comunitário. Isso é evidenciado a partir da seguinte declaração do produtor que confirmou a existência de canais de informação que permitem a participação dos cooperados.

*A gente fica sabendo das novidades da cooperativa através do líder comunitário e através dos vizinhos e das pessoas que também são cooperadas... A informação entre a gente circula com muita facilidade (Produtor 6).*

Os cooperados da Coopfam, para se manterem informados e atualizados sobre a cooperativa, não precisam ler jornais e ou boletins periódicos da cooperativa, pois a notícia pode ser repassada por outros membros do grupo, configurando-se redes. A confiança garante-lhes canais de informações, além de um controle maior da gestão da cooperativa à qual são associados.

Organizando-se em núcleos comunitários, a Coopfam, no município de Poço Fundo, insere-se no contexto social e caracterizada por cooperados atuantes e imbuída de espírito público, por relações igualitárias, por uma estrutura social firmada na confiança, na cooperação e na participação (PUTNAM, 1996). Nessa abordagem, a cultura comunitária é a expressão não apenas das regras de reciprocidade, mas da corporificação de sistemas de participação social, formados pelos núcleos de uma sociedade organizada, que representa, sem dúvida, uma forma de capital social.

### **5.2.3.1 Participação relacionada a questão particular ou coletiva**

Nesse estudo foram elaboradas duas questões para verificar a percepção dos cafeicultores sobre a participação dos membros da cooperativa. Se essa participação estaria relacionada a questões particulares ou a questões coletivas. Pelos dados da Tabela 5, observa-se que, 12,5% (05) dos cafeicultores perceberam que a participação dos membros da cooperativa estavam mais relacionadas a questões particulares e 87,5% (35) declararam que a participação dos cooperados estava relacionada a questões coletivas.

Segundo Gohn (2001), existem várias formas de entender a participação. Algumas são consideradas "clássicas" e deram origem a interpretações, significados e estratégias distintas, a saber: a liberal, a autoritária, a revolucionária e a democrática. Na concepção liberal, a participação objetiva o fortalecimento da sociedade civil, evitando seu controle, tirania e interferência na vida dos indivíduos.

**TABELA 5** – Participação dos membros na cooperativa.

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Percentual (%)</b>
Questões Coletivas	35	87,5
Questões Particulares	5	12,5
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

A participação, sob a perspectiva coletiva, refere-se à participação corporativa e ou participação comunitária, que são derivativas da concepção liberal. Elas são entendidas como um movimento espontâneo dos indivíduos, mas advêm de uma adesão do espírito (e não da razão movida por interesse particular). Há um sentimento de identidade e concordância com certa ordem social que cria algo superior chamado “bem comum”. Esse bem comum é o núcleo articulador dos indivíduos, portanto, a razão do impulso para participar está fora dos indivíduos, além de seus interesses pessoais.

Na região de Poço Fundo, certamente, a confiança dos cafeicultores nos gestores e nos membros da cooperativa potencializou a cooperação e desencadeou componentes participativos. A participação ampliada pela confiança social determina formas de associações estruturadas que, por sua vez, influenciam no civismo dos cidadãos (NAZZARI, 2006). Então, pode-se afirmar que, nessa região, o grau de comprometimento e participação das pessoas guarda uma relação íntima com a noção de capital social. Isso porque a rede formada nessa região desenvolveu-se em um plano coletivo no qual a confiança gerou a cooperação. Ao mesmo tempo, a própria cooperação gerou confiança e, conseqüentemente, gerou componentes participativos que determinaram, sem dúvida, o desenvolvimento social e a prosperidade econômica da cafeicultura nessa região.

Reforçam os dados encontrados na região de Poço Fundo, em relação ao capital social como um recurso coletivo, as correlações positivas altamente significativas a 1% entre a variável questões coletivas e as variáveis ajuda mútua entre os cooperados (+0,503), confiança nos dirigentes/gestores (+0,427), trabalho em conjunto (+0,412), cooperação (+0,464) e a variável classificação da participação era intensa (+0,511). Esses dados indicam que os entrevistados percebem que existe uma maior participação relacionada a questões coletivas, quando as variáveis relacionadas à confiança, cooperação e participação aumentam, demonstrando uma ligação direta entre o capital social e a participação dos cooperados por meio de questões coletivas, ou seja, em torno do “bem comum”.

Observou-se, neste estudo, que a confiança gerou a cooperação entre os membros da cooperativa e, por sua vez, alimentou a confiança e a reciprocidade entre os cafeicultores e incrementou a participação do grupo na cooperativa (Coopfam) o que, com certeza, ajudou no processo de desenvolvimento econômico e social alcançado pela cafeicultura na região de Poço Fundo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo, constataram-se, em Poço Fundo, capital social relacionado a um recurso coletivo. Atitudes de confiança por meio de condutas de cooperação e participação ativa dos cafeicultores proporcionaram o desenvolvimento social e a prosperidade econômica da cafeicultura regional.

Foi encontrada, na região de Poço Fundo, uma rede de cafeicultores mais densa e fechada, garantindo-lhes canais de comunicação confiáveis e que os protegem de um mercado e de comerciantes oportunistas.

Os indicadores confiança, cooperação e participação utilizados para identificar o capital social, demonstraram-se eficazes para a elaboração de dados padronizados sobre o comportamento dos cafeicultores, o que auxiliou e permitiu analisar a existência e a intensidade de capital social na região estudada.

A partir das observações, pode-se inferir que, no município de Poço Fundo, foram encontrados elevados níveis de confiança e cooperação entre os cafeicultores. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos participativos, com benefícios para todos os envolvidos, o que possibilitou consolidar suas metas em comum.

A adoção dos procedimentos metodológicos e a utilização dos indicadores de capital social representaram um método confiável para o atendimento aos objetivos desta pesquisa que analisou a existência das referidas variáveis nas duas regiões cafeeiras estudadas. A partir da metodologia utilizada, ampliou-se a diversidade de olhares sobre uma pluralidade de atores sociais desempenhando diferentes ações, o que proporcionou a coleta de dados que proporcionaram a compreensão da realidade social implícita e a identificação do capital social, na região cafeeira de Poço Fundo, no sul de Minas Gerais.

A combinação de métodos quantitativos e qualitativos demonstrou ser uma abordagem adequada e complementar para extrair dados do estudo sobre capital social como variável potencializadora de desenvolvimento social e econômico da cafeicultura regional. Nesse caso, o questionário “survey” foi um método indispensável, proporcionando dados padronizados sobre características e padrões de comportamento da população. Dados qualitativos, provenientes das entrevistas, foram apropriados para se obter uma visão em profundidade dos temas da pesquisa, os quais permitiram identificar as razões, as atitudes e os comportamentos dos cafeicultores, proporcionando aos entrevistados a liberdade de expressar sentimentos e percepções sobre suas realidades, o que não é permitido em perguntas fechadas do questionário.

### 7 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Capital social: cinco proposições sobre desenvolvimento rural. In: FÓRUM CONTAG DE COOPERAÇÃO TÉCNICA, 2., 1998, São Luís. **Anais...** São Luís: CONTAG, 1998. 1 CD-ROM.
- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Capital social e desenvolvimento local. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. (Org.). **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Dumará, 2003. p. 423-440.
- ALENCAR, E.; GOMES, M. A. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico participativo**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998. 212 p.
- BARQUERO, A. V. **Desarrollo local: una estrategia de creación de empleo**. Madrid: Pirâmide, 1988.
- BOISIER, S. E. **Sociedad civil, participacion, conocimiento y gestion territorial**. Santiago: ILPES, 1997.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 84 p.
- COLEMAN, J. **Foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University, 1990.
- \_\_\_\_\_. Social capital in the creation of human capital. **American journal of sociology**, Chicago, v. 94, p. 95-120, 1988. Supplement.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In: DASGUPTA, P.; SERALGEDIN, I. (Ed.). **Social capital: a multifaceted perspective**. Washington: World Bank, 2000. p. 13-39.
- DINIZ, E. **Governabilidade, democracia e reforma do Estado: os desafios da construção de uma nova ordem no Brasil dos Anos 90**. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 385-415, 1995.
- DURSTON, J. **Qué es el capital social comunitário?** Santiago: CEPAL: 2000. (Serie Políticas Sociales).
- FRANCO, A. de. **Capital social e desenvolvimento**. Disponível em: <[http://www.e-agora.org.br/conteudo.php?cont=artigos&id=2572\\_0\\_3\\_0\\_M24](http://www.e-agora.org.br/conteudo.php?cont=artigos&id=2572_0_3_0_M24)>. Acesso em: 8 nov. 2008.
- FUKUYAMA, F. **Confiança: valores sociais e criação de prosperidade**. Lisboa: Gradiva, 1996. 412 p.
- GODARD, O. et al. Desarrollo endógeno y diferenciación de espacios de desarrollo: un esquema de análisis para el desarrollo local. **Estudios Territoriales**, Madrid, n. 24, p. 145-162, 1987.
- GOHN, M. da G. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. São Paulo: Cortez, 2001. 121 p. (Coleção questões da nossa época, 84).
- MARTELETO, R.; SILVA, A. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=563>>. Acesso em: 9 mar. 2007.
- NAZZARI, R. K. **Juventude brasileira: capital social, cultura e socialização política**. Cascavel: Edunioeste, 2006. 212 p.
- PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ROBINSON, D. (Org.). **Building social capital**. Wellington: Institute of Policy Studies, 2002. 85 p.
- SERALGEDIN, I.; GROOTAERT, C. Defining social capital: an integrating view. In: DASGUPTA, P.; SERALGEDIN, I. (Ed.). **Social capital: a multifaceted perspective**. Washington: World Bank, 2000. p. 40-58.
- TOCQUEVILLE, A. de. **A democracia na América**. São Paulo: EDUSP, 1987.
- VALE, G. M. V. **Laços como ativos territoriais: uma análise das aglomerações produtivas da perspectiva do capital social**. 2006. 379 p Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2006.
- VERHAGEN, K. **Cooperation for survival**. Dordrecht: ICG, 1984.